

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

Os homens do Banco de Portugal atreveram-se a ameaçar “A Batalha”, mas nós respondemos-lhe à letra

Não tememos as ameaças de quem traz em circulação mais de cem mil contos de notas falsas—Não receamos nada de criaturas que têm os cofres do Banco desfalcados em 44.000 contos que se encontram em poder de várias casas bancárias que não têm dinheiro para pagá-los—Os falsários zangaram-se connosco? Que nos importa o amuo dos Inocêncios?—A procissão ainda vai no adro—aguardem mais uns dias!...

Os homens do Banco de Portugal resolveram zangar-se com *A Batalha*. Fizera-
bem. Gostamos muito de ver esta gente meter-se em bríos. Como eles falam em honra,
honestidade e outros palavões de efeito! Porque se zangaram connosco os homens do
Banco de Portugal? Por uma razão bem simples—porque dissemos verdades contun-
dentes.

Exprimiam a sua indignação queixando-se ao juiz sr. Alves Ferreira num vergo-
nhoso documento publicado ontem no *Diário de Notícias*, o qual transcrevemos na ínte-
gra para ilusão dos nossos leitores. Eis a queixa:

“Ex.º Sr. Dr. Joaquim Augusto Alves Ferreira, dig.º juiz
do Supremo Tribunal de Justiça, encarregado da direcção
das investigações referentes ao Banco de Angola e Metrópole:

O jornal *A Batalha*, prossequindo numa campanha, que nos abstemos de qualificar,
contra os dirigentes do Banco de Portugal e particularmente contra o seu governador e
vice-governador, insere em o. n.º 2.213, de hoje, mais um artigo em que, através das
costumadas insinuações a este estabelecimento de crédito, se visa sobretudo a pessoa do
vice-governador dr. João da Mota Gomes Júnior.

A pretensão da apreensão de correspondência, proveniente da Holanda, ontem levada
a efeito por ordem de V. Ex.ª, o mesmo jornal fazendo a afirmação perentória de que o
dr. Mota Gomes manteve relações com os criminosos do Banco de Angola e Metró-
pole, indica, como prova irrefragável, o facto de por sua mão, ao que assevera, terem
sido redigidos e assinados dois vales de caixa, na importância de cento e quatro mil
escudos, encontrados em poder de um dos agentes do crime.

Não é este o lugar para, mais uma vez, indignadamente protestarmos contra a ignó-
bil calúnia levantada contra um homem que constitui na nossa terra um grande e suges-
tivo exemplo de probidade e honrabilidade pessoal, e que tem sabido marcar em todo
o decurso da sua vida uma linha de inequívoca austeridade moral. Mas, como o
artigo a que nos referimos está indissolúvelmente ligado ao caso do Banco de Angola e
Metrópole, não representando senão um aspecto da campanha insidiosa anti-patriota e
subversiva que a propósito dos crimes praticados pelos dirigentes daquele Banco e seus
cómplices se está fazendo, vimos pedir respectivamente licença a V. Ex.ª para chama-
mos a sua esclarecida atenção para ele, convencidos de que poderá servir de base a
indagações que alguma luz porventura projectarão sobre as investigações em curso.

Era intuito—bem clara e enérgicamente expresso—do dr. Mota Gomes proceder
imediatamente e em seu nome individual contra o autor do artigo a que nos referimos,
só d'ele desistindo a instâncias deste Conselho Geral, ao qual a ofensa igualmente atinge
e que com aquele seu colega, vítima da sua inextinguível dedicação pelos interesses do
Banco, está, em tudo e por honra sua, inteiramente solidarizado.

Parece a este Conselho que, de momento, uma atitude se lhe impunha: a de dar ofi-
cialmente conhecimento do facto a V. Ex.ª

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1926. — aa) Ruy Enes Ulrich, António José Pereira
Júnior, Fernando Emídio da Silva, José Caeiro da Mata, João Teotónio Pereira Júnior,

Manuel António do Casal Ribeiro de Carvalho, Ramiro Leão, José de Assis Camilo,
Rodrigo Afonso Pequeto, António Serrão Franco, Guilherme de Sousa Machado, Manuel
António Moreira Júnior, António Faria Carneiro Pacheco, Manuel António Dias Fer-
reira, José Ferreira Cardoso.

Dificilmente se poderia encontrar um documento que melhor desenhasse o perfil
moral dos dirigentes daquele estabelecimento de crédito. Atitude mais baixa, mais
repugnante não poderia aquela gente assumir.

Esforços absolutamente inúteis

A Batalha afirmou que existiam na Holanda dois documentos altamente compro-
metedores para o sr. Mota Gomes, vice-governador do Banco de Portugal. São dois
vales de caixa redigidos e assinados pelo sr. Mota Gomes, um de cem con-
tos e outro de quatro.

Perante esta acusação que fez o sr. Mota Gomes? Desmentiu-nos categoricamente?
Processou-nos, para que nós em pleno tribunal provássemos a nossa afirmação? Não. O
sr. Mota Gomes não tem conveniência em levar-nos aos tribunais, porque sabe que nós
fácilmente o inutilizariamos; porque sabe que sairia mal ferido da contenda.

Serviu-se então dum processo infame. Meteu na contenda todos os seus colegas da
direcção do Banco, levando-os a assinar aquela queixinha feita ao juiz Alves Ferreira,
cuja missão bem clara é salvar os homens do Banco de Portugal.

Traduzida numa linguagem clara e acessível, a queixa significa isto apenas: *Mota
Gomes está comprometido mas é preciso salvar as aparências. Queira você, sr. Alves
Ferreira, que salte tão facilmente sobre as leis e a constituição da República, perseguir
A Batalha, amordaça-la, impedir que ela continue a dizer as verdades que tão mal nos
colocam perante a opinião pública.*

E' uma atitude covarde que não os salva do opróbrio. Pelo contrário, estes homens
do Banco de Portugal quanto mais se querem salvar, mais se perdem.

De nada lhes serve o frete que o juiz investigador está fazendo. São precisamente
os esforços que eles fazem para passar por criaturas honestas que maiores suspeitas
acarretam sobre eles por parte do público.

A apreensão da carta que tão formidáveis revelações continha e das quais nós fize-
mos eco, acabou por lançar forte luz sobre a grande burla em que os dirigentes do
Banco emissor estavam metidos. A carta foi apreendida para que não se soubesse que
Mota Gomes recebera 100 contos do Angola e Metrópole.

De nada serviu, porém, a apreensão. Nós sabemos tudo—o público sabe tudo e
continuará a saber enquanto em Portugal não se descer o último degrau da infâmia—
amordaçando-nos.

Onde está a autoridade moral?

Mas acaso a direcção do Banco de Portugal julgará que nos intimida com a sua
queixa às autoridades? Está enganada, redondamente enganada connosco. Não perten-

ceamos à reles categoria dos que se calam, nem pelo suborno nem pela ameaça. Estamos
habituação a sofrer estocadamente todos os vexames.

Não nos calam. Orgão dos roubados, dos párias, dos explorados, dos ludibriados
deste pobre país, sabemos estar à altura da nossa missão e das nossas responsabilidades.

Decidimos perturbar a digestão aos que devoram tranquilamente os dinheiros do
povo. A nossa decisão é inabalável. Não estamos dispostos a colaborar na ignóbil farça
que o juiz Alves Ferreira vem representando. Não colaboramos nessa infâmia.

Queremos saber com que autoridade se queixam de nós os homens do Banco de
Portugal. Será com a que lhes dá o negócio das águas do Monte Banzo? Será com a
do sr. Fernando Emídio da Silva que tem correndo um escandaloso processo no Tribu-
nal do Comércio, no cartório do escrivão Sá Nogueira, processo que se refere à falên-
cia da célebre Sociedade Exportadora da Guiné, no qual figuram várias burlas? Será
com autoridade que lhes dá a emissão confessada de notas ilegais, notas falsas, para en-
cobrir várias faltas? Será com a circulação ilegal de mais de cem mil contos de notas?

Vamos lá a saber, pois, quem é que fomenta o descrédito do país: nós que ataca-
mos o erro e combatemos um estabelecimento de crédito onde se praticam várias frau-
des ou os homens que pretendem encobrir esses crimes?

¿Dizer que Mota Gomes recebeu 104 contos do Angola e Metrópole será maior
crime do que recebê-los?

Se é, estendemos a mão à palmatória, entregamo-nos humildemente à prisão—visto
que, para se ser honrado em Portugal, é preciso ser-se gatuno! Nós não temos, poi
vocação para homens honrados nem para merecer defesas no *Diário de Notícias*.

A procissão vai no adro...

Metem nojo estes homens do Banco de Portugal, com a sua austeridade fingida, com
o seu pudor ofendido pela *Batalha*. Metem nojo!

Gostariamos que eles nos dissessem como tencionam arrumar aquele caso do des-
falque de 44.000 contos praticado pelo tesoureiro Lupi a favor de várias casas bancárias
da praça de Lisboa.

Sim, desejámos saber se a casa José Augusto Dias & Filhos, já pagou os 19.000 con-
tos que devia; se a casa Piano entrou com os 14.000 contos; Augustine, com os 6.000, e
o Banco Português e Brasileiro, com os 5.000. Não, os cavalheiros do Banco de Por-
tugal não responderam à acusação do desfalque, nem a outras de igual gravidade. Limitam-
se a vir com aquela queixinha pública pedindo mordada para quem diz a verdade.
Coitados!

Ainda a procissão vai no adro... Vamos rir dentro de alguns dias quando a polícia
holandesa terminar as suas investigações. Então ficaremos sabendo de uma maneira mais
completa de que qualidade são os Inocêncios do Banco de Portugal.

Então saberemos se os contratos em poder dos holandeses, e nos quais figura a
assinatura de Inocência Camacho, são grosseiras falsificações ou são provas iniludíveis
da culpabilidade de criaturas altamente cotadas nos meios políticos e financeiros por-
tugueses.

Aguardem mais uns dias—e depois queixem-se...

Porque falta a carne em Lisboa?

O que resultou da criminosa
obra do governo Domingos Pe-
reira? Os marchantes espanhóis leva-
ram para o visinho país milhares e
milhares de cabeças de gado que
adquiriram nas feiras realizadas no
Minho e no Douro. Resultou ainda
os lavradores portugueses desfaze-
rem-se do gado bovino em benefi-
cio da Espanha, e suprirem as fal-
tas que se iam notando no mercado
nacional com o gado lanífero.

Todavia alguns jornais, especia-
lmente o ex-órgão católico, iam
apetecendo para a lavoura nacional
melhor sorte, como se a que lhe
proporcionou o sr. Domingos Pe-
reira não fosse por si admirável.

Ainda mesmo agora, face aos in-
convenientes que advêm para a
população da falta de carne se tei-
ma em reconhecer como acertada a
medida governamental. Ainda mes-
mo agora se persiste no criminoso
gesto de consentir que passem a
fronteira espanhola milhares de ca-
beças de gado que fazem falta ao
consumo da população. Ainda mes-
mo agora não se atende à conveni-
ência que havia em voltarmos ao
regime de importação de gado exó-
tico para prover as necessidades do
consumo.

Apenas no que se pensa é assegu-
rar aos lavradores e marchantes
portugueses os maiores proventos,
embora o povo morra de fome!

Não se atende ao menos a esta
esmagadora verdade de autoria do
veterinário ilustre que é o dr. sr.
Godofredo dos Santos: «o gado na-
cional não consegue vencer as exi-
gências do consumo. Só durante os
meses de Maio a Agosto o gado
oriundo do Alentejo e Ribatejo
conseguiu desempenhar essa função.
Nos restantes meses o gado das
Beiras não chegará!

Os cálculos do dr. Godofredo,
que é também o director do Mata-
douro Municipal, dizem respeito a
um regime em que não seja permi-
tida a exportação de gado.

Vivendo-se como se vive em re-
gime de livre exportação o que nos
ficará para as nossas necessidades?

Os nossos governos não curam
de saber essas coisas. Apenas cuidam
de refastelar os abutres do Conse-
lho Superior de Agricultura!

A carne de vaca voltou a faltar
no mercado. Nos últimos dias só
com grande dificuldade a popula-
ção cidadina conseguiu adquirir uma
pequena fracção do precioso ali-
mento.

No Matadouro Municipal as ma-
tanças têm sido muito reduzidas.
Anteontem foram abatidas naquele
estabelecimento apenas duas vezes.
Ontem a matança foi maior, mas
ainda insuficiente para o consumo
público.

A que atribuir a carência de car-
nes no mercado de Lisboa? A falta
do apreciável alimento deve-se ao
facto do governo do dr. Domingos
Pereira ter proibido a importação
do gado exótico, exactamente no
momento em que autorizava a livre
exportação do gado nacional.

A Batalha, imediatamente à pu-
blicação desse absurdo diploma, de-
nunciou os perigos de semelhante
medida. No alto desta tribuna ergue-
mos os mais vivos protestos contra
a proibição da entrada em Portu-
gal do gado argentino, proibição
que o próprio governo nunca soube
explicar convenientemente.

Nestas columnas asseveramos que
a medida do democrático Domingos
Pereira tinha sido sugerida pelo
Conselho Superior de Agricultura,
instituição composta por lavradores
e marchantes. Mais: afirmámos en-
tão que um dos influentes desse
Conselho, o marchante sr. Mexias
consequira com a medida do seu
amigo Domingos Pereira impingir
15.000 carneiros, que em regime de
abundância de carne de vaca nunca
seria possível despachar.

A-pesar da gravidade das nossas
afirmações elas passaram desperce-
bidas ao governo que miseravelmen-
te se prosternou perante as exigên-
cias da lavoura e da marchantaria.

“Os Mistérios do Povo”

Por motivo imprevisto fomos forçados a
suspender por alguns dias a publicação do
nosso interessante folheto, do que pedi-
mos desculpa aos nossos leitores.

Lá como cá

ATENAS, 20.—Um decreto governamen-
tal instituiu um conselho extraordinário de
guerra, para julgamento dos delitos de alta
traição e de revolta contra a constituição do
Estado.

UMA DATA FELIZ

Iniciam-se hoje os grandiosos festejos come- morativos do 7.º aniversário de A BATALHA

E' hoje que se iniciam as festas comemorativas do 7.º aniversário do órgão do pro-
letariado. Realmente, sete anos de combate, sem um desfalecimento, através de todas as
dificuldades, de todos os assaltos à nossa redacção, de prisões em massa de redactores
e tipógrafos, de ameaças de morte, de apreensões odiosas, *A Batalha* ao cabo de sete
anos consegue manter-se com a mesma frescura, a mesma energia para a luta que a
animavam desde o primeiro dia.

«A semana de *A Batalha*» que hoje brilhantemente se inicia significa o apoio, o
formidável apoio moral e material que o povo trabalhador e simpatizante de nossa dou-
trina dão ao denodado campeão da luta pela Verdade e pela Justiça.

Continuamos hoje a publicar a lista de objectos oferecidos para a quermesse, ob-
jectos de grande valor artístico que decerto vão ser disputados com grande interesse:

Da Comissão Escolar e de Propaganda do Sindicato do Pessoal de Câmaras de
Longo Curso, 1 linda estatuetta; de José do Nascimento Rebelo, outra estatuetta; Ricardo
Correia Perpétuo, 1 gramofone com discos; José Caetano, 1 corte de fazenda de lã para
sobretudo; um empregado de escritório, um estojo com uma caneta de prata; Camila
Pereira, 1 cestinho de fantasia (rafia) e uma jarra de vidro opala; Sindicato dos Corti-
ceiros de Lisboa, 1 tapete de cortiça; Sindicato dos Impressores Tipográficos, uma pal-
matória; António Rodrigues Pereira, 1 cigarreira de tartaruga; Luis Costa, 2 mascotes
de vidro; tipógrafos do suplemento de *A Batalha*, 1 relógio despertador, com a legenda:
«Desperta rude escravo, sem demora...»; Mário Castelhamo, 1 caixa de vidro para pó
de arroz e 1 par de paliteiros de louça; Rafael da Assunção, 1 garrafa de aniz escarcha-
do; Secção Profissional de Canteiros, 1 garrafa para «toilette»; Maria da Encarnação
Ortiz, 1 par de jarras finas; menina Leonor Marques, 2 chapéus para senhora em mini-
atura; Maria Pinto, 1 chavena e pires; Aurora Esteves, 1 alfomada bordada a «outache»;
Conceição Esteves, 1 garrafa para água com prato, 1 biscoiteira, e 1 caixa de pó de
arroz; um impressor, 1 ânfora, 1 par de tulipas de cristal, 1 concha africana e uma man-
teiguiera de vidro; Sindicato dos Ferrovieiros do Sul e Sueste, 8 solitários de cristal,
2 jarros de vidro fosco, 2 copos de cristal e 6 cinzeiros de metal; Sindicato dos Operá-
rios Confeiteiros, Pasteleiros, Chocolateiros e Anexos, 1 automóvel com corda con-
tendo bombons de chocolate.

A comissão organizadora das festas aguarda ainda mais prendas.

Tem tido também grande procura os bilhetes para a recita no Teatro Apolo, estan-
do quasi esgotada a lotação dos camarotes.

Damos a seguir o programa das festas para hoje e amanhã:

DOMINGO, 21

A's 12 horas. Quermesse e exposição da sede.
 A's 14 horas. Conferência por Manuel Joaquim de Sousa sobre «A missão da
Imprensa Operária».

Concerto pela excelente banda da Academia Filarmónica VERDI.

SEGUNDA-FEIRA, 22

A's 19 horas. Continuação da quermesse.
 Sarau Dramático e Musical pela muito apreciada Tuna Tondelense e Grupo
Dramático Solidariedade Operária que representará o drama social em
3 actos, «Gatunos de Luva Branca».

Um entreacto social.

Liga de Acção Educativa

Nas salas do Ateneu Comercial de Lis-
boa, amavelmente cedidas pela sua Direc-
ção, realizou-se ontem a primeira assem-
bleia geral da Secção de Lisboa da «Liga de
Acção Educativa», com a presença de nu-
merosas individualidades em destaque no
meio educativo e de alguns organismos que
ao problema da educação dedicam um
sincero interesse, tendo sido eleita a Comissão
Administrativa da referida Secção, que fi-
cou assim constituída: D. Desolinda Lopes
Vieira; D. Berta da Gama; D. Beatriz Ma-
galhães; professor Ladislau Batalha, dr. Fer-
reira Deniz, como representante do Grémio
«O Futuro», secção do Grémio Lusita-
no; Carlos Silva, Filipe dos Santos, Ar-
naldo Gomes, como representante da Asso-
ciação de Classe dos Empregados de Es-

critório de Lisboa e José Luís Guerra, como
representante do Sindicato Unico dos Ope-
rários da Construção Civil.

Foi aprovado, por aclamação, um voto de
louvor à imprensa pelo interesse com que
tem acompanhado o movimento da «Liga»
e outro, também por aclamação, à Direcção
do Ateneu Comercial, pela cedência das
suas salas.

Depois de encerrada a sessão inscreve-
ram-se como sócios da Secção de Lisboa
da Liga os presentes que ainda o não ti-
nham feito, devendo a Comissão Adminis-
trativa eleita tomar posse no próximo dia
26, na sede provisória da «Liga», rua da
Madalena, 225, 1.º, pelas 21 horas.

ASSINEM *Os mistérios do Povo*

O PERIGO NEGRO

Os jesuítas invadiram Portugal pela província da Beira Baixa!

O convento das Capuchas de Santarém é já propriedade da Companhia
de Jesus — As escolas dos discípulos de Lóiola funcionam
livremente em Portugal!

Não foi sem emoção que narrámos o mar-
tírio de Leonor Maria Ribeiro Guimarães,
vítima imolada aos terríveis caprichos dos
fanáticos e das fanáticas que dirigem a Con-
gregação de Nossa Senhora do Rosário de
Fátima. A nós, que temos presenciado as
dores mais dignas, os sofrimentos mais in-
tensos, comoveu-nos a infelicidade dessapo-
bre rapariga, quem os maneios congregan-
tas roubaram a lucidez do espírito e a saúde
física. Sua tuberculose que a reduziu a
uma sombra espectral do que ela foi, sua
loucura mística que lhe fazia desejar o irio
e hostil claustro do convento e odiar a vida,
ansiando por uma morte consoante os deta-
lhes que asseguram a canonização pela igre-
ja, entristeceu-nos e revoltou-nos.

Foi com alegria que recebemos uma carta
confirmando tudo o que nós dissemos só-
bre o calvário desta rapariga, mas deixan-
do-nos antever a esperança de que ela ve-
nha ainda a ser restituída à vida normal.
 Leonor Maria Ribeiro Guimarães chegou a
estar em Lisboa para seguir para Espanha
onde ia ingressar, como era seu ardente de-
sejo, no convento das Carmelitas. A gente
de Santarém, amedrontada com as conse-
quências da sua obra, não quis que ela se-
guisse para Espanha directamente daquela
cidade. Enviaram-na para Lisboa a fim-de
amanhã poderem opor um desmentido,
caso algum formulasse uma acusação con-
creta.

A manobra, por enquanto, frustrou-se.
 Leonor Maria Ribeiro Guimarães foi cari-
nhosamente salva por uma pessoa de fami-
lia que a impediu de seguir para Espanha e
a recolheu em sua casa. Mentiríamos se di-
séssemos que ela está inteiramente salva.
 Seu espírito ainda está possuído de alucina-
ções místicas, regosijando-se sua doce lou-
cura pela contrariedade que sofreu, prestes
da sua partida para Espanha, agradecendo
a Deus como uma prova necessária à sal-
vação da sua alma.

A pobre vítima encontra-se despojada
de tudo o que possuía, visto que exploran-
do-lhe seu mórbido estado de espírito, lhe
tiraram seu cordão de ouro, e até sua roupa.

Oxalá que sua família a salve da loucura e
da morte!

O dinheiro da Companhia de Jesus circula em Portugal

Há, em Portugal, jesuítas; existe igual-
mente uma acção jesuítica; o dinheiro dos
jesuítas corre a rodos no país, servindo
admiravelmente sua obra odienta e mal-
dita. O convento das Capuchas em Santarém
foi publicamente adquirido pela vis-
condessa de Andaluz, mas, na realidade,
quem o comprou foram os jesuítas. Ninguém—
com raras excepções—acredita na
acção dos jesuítas neste país, esquecendo-se
que para a Companhia de Jesus não há con-
trariedade, nem dificuldade que faça desani-
mar os seus sequezes. Expulsos—trabal-
ham de longe, movem-se na terra do exílio
e acabam sempre por conseguir agir
sobre a terra que foram forçados a aban-
donar. Os jesuítas partiram—mas os seus
agentes ficaram. Instalados em Tuy, tendo
recuado para Vigo os seus irmãos espa-
nhóis, fundaram os seus colégios naquela
cidade fronteiriça e, em breve, tinham ne-
les um número razoável de alunos portu-
gueses. De ali começaram exercendo sua
acção pelo país e seu dinheiro começou
correndo, destinado ao restabelecimento,
na sociedade portuguesa, do seu antigo po-
derio. Os jesuítas trabalham na sombra,
cautelosamente, sendo extraordinariamente
difícil conhecer, em todos os pormenores,
a sua acção. Os elementos que possuímos
a respeito deles são, como não podia de-
ixar de ser desses, e deficientes, mas,
mesmo assim, projectam uma claridade in-
tensa sobre a acção dos maiores inimigos
da vida humana. Oxalá que ela contribua
para iluminar muitas dessas consciências
que temem a luz do sol e andam pela vida
às apalpadelas!

A Beira Baixa invadida pelos disci- pulos de Lóiola

A invasão dos jesuítas fez-se pela Beira
Baixa, escolhendo-se aquelas vilas e po-

PAGÉOL

Energico antiseptico urinario

Atua rapida
e radicalmente
Supprime as
micções dolorosas
Evita qualquer
complicação



O PAGÉOL
descongela e rejuvenesce os tecidos das vias urinarias restaurando-os por completo matando todos os microbios que neles habitam.

15 GRUPOS DITX
Les Etablissements Chatelain
PARIS

Hypertrophie
la prostate
Phosphaturia
Apertos
da uretra
Albuminuria
Cystite
Blennorrhagia

Arad. de Medic. de Paris, 3 Dez 1912.

Conselho dom galo velho
a seu filho:
Toma PAGÉOL

O que o operariado
deve ler:

A's segundas-feiras
o suplemento de
A BATALHA

Nos dias 1 e 15 de cada mês
a revista

A RENOVAÇÃO
Todos os dias
o diário sindicalista
A BATALHA

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 7,22
S.	13	20	27	Desaparece às 18,20
D.	14	21	28	FASES DA LUA
S.	15	22	—	1. C. dia 27 às 16,51
T.	16	23	—	Q.M. " 3 " 21,50
Q.	17	24	—	L.N. " 12 " 17,50
Q.	18	25	—	Q.C. " 19 " 12,56

MARES DE HOJE
Praiamar às 10,09 e às 10,51
Baixamar às 2,52 e às 3,39

Toda a gente deve
lavar-se

Se pode fazê-lo com o melhor de todos os
sabonetes, por mais modesto que seja o seu
salário, graças aos preços reduzidíssimos
porque são vendidos os

Sabonetes SANTA CLARA

Procurar em toda a parte os sabonetes
da Fábrica de Santa Clara: «Redondo», «Re-
dondinho», «Luxo», «Espumante», «Glic-
cina 1001», «Oriental», «Melissinde», «Hi-
gienique», «Pierrot Dyor» e sabão em barra
«Dyor».

Venda por atacado: Sociedade Cruz
Sobrinho—Rua do Carmo, 43, 1.ª—Lisboa.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-malthusianas.....	\$50
O sentido em que somos anarquistas.....	\$30
A peste religiosa.....	\$40
A Liberdade.....	\$50
A Internacional (música e letra).....	\$30
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88	

ANILINAS "JACOBUS"

De fabricação alemã

As melhores do mundo!

para tingir em casa toda a qualidade
de tecidos e fazendas de seda, lã,
algodão, rendas, cortinados, etc.

Únicos depositários gerais:

Sociedade de Produtos Químicos, L. da

Em Lisboa: Campo das Cebolas, 43, 1.ª

No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.ª

Uma dedicada

camarada professora oficial precisa duma

ajudante instruída, de meia idade, para au-

xiliar nas aulas e também alguns serviços

domésticos. Será tratada como pessoa de

família, Carta à Administração de A Bata-

lha, com as iniciais A. M. D.

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse,

catarrhos e bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para

evitar misturas de outros rebuçados,

com o papel imitando o nosso.

Valério, Lopes e Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres,

louça esmaltada, parafusos, fun-

dos para cadeiras,

— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,

cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, ALEN-

tejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda,

Mocambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO

DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40 0/10

MAIS BARATO que o que os agentes levam

a mais. FAÇAM seus pedidos directos para ser-

em bem servidos e rápido a GRANDE FABRI-

CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que

duram para sempre e letras esmaltadas para runas,

estabelecimentos, etc., emblemas lindos e ba-

ratos para Sports, clubes, medalhas para corridas

(artigos de Barba), Giletes mais baratas. Esto-

jos de metal branco com máquina e lâminas Gi-

lletes 3000. Navalhas, máquinas para cortar ca-

belos, máquinas de 4 rolos para as alfes. Tesou-

ras finas superiores a tudo que outros vendam a

2000 e caixotes de tinta permanente com pena de

ouro a 4,00, que os outros vendem pelo dobro,

canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a

repetirem o número até 12 vezes, ditos para che-

ques, a picotar o número e com data, selos em

branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e re-

partições, sinetes para lares e roupa, etc., alca-

les de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal

para sardinhas, fichas de metal para jogos, cafés,

fábricas, etc. Esses lindos azeites à Freire, em

ouro e com brázeos e monogramas, cunhos

importados da Portugal, chapas e letras para marcar

caixotes e preços, lâmpadas e instalações elé-

ctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. ÚNICA na

Europa completa.—A. L. Freire, 18 e 16, R. do

Ouro.—Telef. 206 C.—Peçam a cobrança para

tudo lhe se remeter.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual

for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança,

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

MANTEIGA

Nova baixa de preços

Desde hoje menos 2\$00 por K., passando a do novo fabrico, tipo RECLA-

ME, a ser vendida por Esc. 16\$00

MANTEIGARIA UNIÃO

28—Praça Luiz de Camões—29

45—Rua do Amparo—49

Telefones Trindade 624 e N. 2751—End. Teleg. «Manteiunião»

--- LISBOA ---

O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSIVEL AOS RICOS

A COOPERATIVA
DE CHAUFFEURS LISBONENSE
PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxis "Citroën" (palhinha ama-
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21



Maleitas de cabedal

cm.	23\$00	0,36...	35\$00
0,30...	27\$00	0,39...	39\$00
0,33...	31\$00	0,42...	43\$00

Aos industriais
Cola a frio "CERTUS"

Produto alemão que se dissolve em água fria com grande
força de adesão. Resiste ao calor e à humidade.

Substitui o grude.

Cola madeira, ferro e aço, lousa, vidro, oleado

e mármore sobre madeira, papel sobre papel,

papelão sobre papelão.

Vende-se em latas de 1 e 5 quilos.

Agente: Luiz da Luz Seixas

Rua dos Fanqueiros, 30, 2.º, E.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta

de propagandas tem

tudo lugar a dez

simas hoje con-

sumem em Portu-

gal limas estân-

deiras, visto que

as limas marca

"Touro" da Lim-

as, rivalizam em pre-

ço e qualidade com as melhores limas do mundo.

Experimente, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os pontos estabelecimentos de ferragens e ferramentas.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e mo-

las, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

Largo do Conde Barão, 55

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-
tamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas fami-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95

LISBOA

Sociedade Anónima

de Responsabilidade Limitada

DOENÇA E INVALIDEZ

30 MOBILIAS 32

A preços sem competência

4 MOBILIAS 4 3 MOBILIAS 3

5.700\$00 3.600\$00

Quartos para casal Casas de Jantar

desde 2.100\$00 desde 1.400\$00

Lindas mobílias estilo inglês—MOVEIS DESIRMANADOS

Pedimos a V. Ex.ªs uma visita ao nosso estabelecimento onde encontram bom gosto e seriedade

ALMEIDA & RODRIGUES

30 — RUA DO NORTE — 32 (AO CAMÕES) 32

BANCO DE PORTUGAL

O Conselho do Banco resolveu retirar

da circulação as notas de 1.000 escudos—

Ch.ª A—Ouro—eligi Duque da Terceira.

Para esse fim a troca dessas notas só se

efectuara nas Tesourarias da Sede em Lisbo-

boa e da Caixa Filial no Porto, por outras

de igual ou de diferente valor.

20 de Fevereiro de 1926.

Pelo Banco de Portugal, os Directores,

(a) António José Pereira Júnior, Assis

Camilo.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de

todos os trabalhos que digam res-

peito à sua indústria, tais como:

edificações, reparações, limpe-

zas, construção de fornos em to-

dos os géneros, jazigos em todos

os géneros, fogões de sala, xa-

drés, frentes para estabelecimentos

e todos os trabalhos em cantarias

e mármore de todas as proven-

iências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B. 2.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L.ª

Sortido completo

em ferramentas para

carpinteiros, marceneiros,

serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS,

ENGENHOS DE FURAR,

LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e me-

ciais em cores lindíssimas, formosos

dos mais atamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Especialidade

em chapéus

de seda

e

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito

elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa

Armazém e escritório: Rua Fern-

andes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fon-

seca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de

S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo San-

to, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Mar-

A C. N. T. DE ESPANHA

Como poderia ser empenhada a acção do ressurgente movimento operário

A acção política das organizações operárias—declaramos Quintanilha numa das entrevistas que temos vindo a referir—deve ser unicamente determinada pelas preocupações da vida social e colectiva, de análise e intervenção nos assuntos que digam respeito ao regime e constituição das sociedades, quer no sentido limitado da localidade ou da nação, quer na expressão generalizada e universal.

Isto se torna indispensável na luta organizada das classes populares, a fim de que o sindicalismo não se reduza a um mero exclusivismo de classe e assumo o seu verdadeiro carácter de movimento humano de ampla justiça social. Esta é a acção política do sindicalismo, que assim seria completada a acção económica e se forma a política-social e o sindicalismo integral.

Quando se fala na C. N. T. não se sabe definir claramente como deva inspirar-se nas realidades e exigências do meio, interior ou exteriormente. Não bastam espírito de rebeldia e capacidade de organização para se levar a cabo a obra de emancipação proletária. Tem de se pôr de parte preconceitos de ideologia, de vaga ideologia metafísica, o impotente individualismo semi-aristocrático que fôrro os meios operários e tem de se organizar devidamente, disciplinar-se metodicamente a acção individual, ligar-se estreitamente todas as actividades, orientar-se em vista de um carácter geral, tendo sempre em vista os métodos sindicalistas.

Se a C. N. T. quer ser devesse um factor influente na vida nacional tem de participar activamente na acção pública com plena personalidade.

Além disso, como se torne o sindicato o órgão essencial da luta de classes, a greve seja a arma ofensiva e defensiva dos interesses económicos e morais do proletariado, deve procurar-se a preparação do operário para o conhecimento de todos os problemas gerais, sociais e humanos. Ao princípio rigoroso da luta de classes se ajustará o objectivo da abolição de classes, expressão política da acção sindicalista.

O que deve ser o prolongamento da luta de classes

Os perfis políticos da C. N. T. devem ser semelhantes aos dos partidos socialistas, mas sem o carácter parlamentar e sem o seu caudatário colaboracionismo: o mesmo que tem tentado o anarquismo organizado, em alguns países, sem resultados práticos, por desventura.

A volta dos sindicatos e federações, ou no seio destes organismos, apoiada na sua força e prestígio, deve elaborar-se a consciência política-social do militante, por meio de um plano de ascendenças conquistas revolucionárias, pressão da massa operária sobre os poderes públicos, etc.

Não se trata, pois, de revolta de amotinados sem objectivo. Mas esta tática requer uma actividade e constante propaganda teórica, agitação popular, oposição fundada nos pontos de vista dos governos e dos partidos, crítica e ataque a toda a actividade de burguesia. E tudo isto sem aparato legislativo, sem ativismo parlamentar, sem assembleias deliberativas ou representativas de qualquer espécie, mas apenas agindo na rua, em meio da população, em contacto directo com o país e usando de recursos capazes de interessar a opinião pública.

Contudo, poder-se-ia complementar de acção a defesa das liberdades adquiridas, a consolidação do que se conquistou no domínio das consciências, o respeito pelos direitos dos indivíduos, foros e concessões locais ou regionais, tudo que seja personalidade de homem livre. Estas questões constituem o património moral e espiritual de um povo independente e naquelas outras em que vários sectores de opinião se coincidem podem aceitar-se colaborações apreciáveis, sem compromisso e determinadas por imperioso sentimento comum e liberal.

Toda esta acção demolidora é um prolongamento natural da luta de classes humanizada e libertada do seu aspecto exclusivista e mesquinho.

Da mesma forma, os organismos sindicais poderão empregar a educação e a cultura das classes operárias, buscando colaborações desinteressadas que não faltarão.

Deverão ser fundadas pelas organizações escolas profissionais nos centros industriais, agrícolas, mineiros e marítimos, orientadas na dignificação do trabalho e aperfeiçoamento técnico.

A acção internacional do sindicalismo

A C. N. T. tem de fazer a sua política exterior, política internacional com plano, método e positivismo, determinada pela situação e condições peculiares da nossa organização, seus vínculos naturais com outros povos, tendências e ideologia do proletariado, características raciais e temperamento e idiosincrasias colectivas.

Por várias razões, a A. I. T. pode ser o eixo da acção internacional da C. N. T. A Internacional de Berlim, após numerosas scições, tornou-se a base do sindicalismo revolucionário.

A indústria vidreira seriamente ameaçada

Se a reclamação da Associação dos Manipuladores de cristal não for atendida no prazo de um mês ficarão sem trabalho 3.000 operários

Muito temos a dizer da especialidade cristaleira, que está em risco de desaparecer, senão for modificada a actual bitola paula.

Porém, impõe-se nos falar igualmente da especialidade garrafeira que, como a cristaleira, espera melhoria de situação a qual reside na regularização das pautas.

Convém frisar que o problema das garrafas, é muitíssimo mais difícil de resolver do que o do cristal. No entanto, não quer dizer que não tenha solução possível. Tem-a como geralmente têm remédio todas as cousas terrenas.

O assunto do cristal é grave, mas o das garrafas, ainda se nos apresenta com nuvens mais negras. E' que os poderes centrais, têm que estudar, e com urgência, o meio de fazer desaparecer das fábricas as várias montanhas de garrafas, que as pejam.

A indústria das garrafas desenvolveu-se quando para o estrangeiro se impunha a exportação de vinho, em vasilhame de vidro. Este vasilhame tinha por principal utilidade, não provocar a alteração dos vinhos. Além disso era exportado como lastro, de modo que facilitava muito mais a exportação.

Hoje a exportação é feita em vasilhame de madeira. Poderia neste caso a classe garrafeira, reclamar do Estado a obrigatoriedade da exportação dos vinhos comuns em vasilhame de vidro?

Não, pois tal medida iria prejudicar em larga escala, a classe dos tanoeiros.

O que se impõe então?

E' o que vamos apreciar, indicando algumas possibilidades para a solução deste caso.

Devemos dizer primeiramente que a actual produção de garrafas é extraordinariamente exagerada. O país nem sequer consome metade da produção, de forma que haja o que houver, não se evitará a super-produção. Em nosso entender, e para resolver de futuro um óbice de vulto, deveria imediatamente regularizar-se a produção.

Mas como fazer isso, se há tanta fábrica? Mostrando um serviço regular de fabrico, de modo que estivessem metade das fábricas a funcionar enquanto as outras paravam, e vice-versa.

E os operários? Não teriam crises nem estariam cavando a sua ruína, porque iriam desta maneira manipulando um total de garrafas consentâneo com as exigências do consumo.

Isto, porém, é um assunto muito complicado que requer um estudo aturado, que não é para o estreito espaço dum artigo.

Dizem os camaradas garrafeiros que a entrada da garrafa alemã agrava altamente a sua especialidade, acrescentando que a garrafa alemã não é melhor do que a nacional.

Sabido como é que os estrangeiros fabricam tudo com a máquina e que a mesma está ainda imperfeita, quer nos parecer que se o espírito da maldade origina a importação dos artigos de vidraria.

A importação da garrafa alemã tinha a sua razão de ser no tempo em que em Portugal não se fabricavam. Mas hoje, que se pode rivalizar com o estrangeiro, não sabemos a que atribuir semelhante facto.

A garrafa alemã é mais imperfeita e não tem a consistência que, por exemplo, tem a garrafa nacional. E não tem exactamente porque a sua manipulação não é feita pelo mesmo processo da nacional.

Para o leitor poder apreciar esta nossa afirmação era necessário que visse de perto a fabricação das mesmas. Sem isso é-lhe inteiramente impossível aceitar seja o que for por muito completos que fôssemos na explicação.

No país fabricam-se por ano 16.000.000 de garrafas e garrafões, e consomem-se apenas 6.000.000. Como se vê, é assombroso isto! No entanto, ainda para cima o ramalhete entram 293.766 quilos, que podem dar 500.000 garrafas. Com um crescente destes, a especialidade garrafeira está presentemente asfixiada por forças terríveis.

Para pôr um dique a este tremendo caudal dizem os garrafeiros que só a exportação dos vinhos generosos tal conseguirá. Na representação que apresentaram ao sr. Marques Guedes expõem assim a solução do complicado problema:

«Nas garrafas, havendo um projecto que decreta a exportação dos nossos vinhos generosos, evite a super-produção que como se vê é enorme».

Noutro período da referida representação lê-se:

«Garantido isto, lucrarão as especialidades de relhas, caixotaria e discos».

Há ainda uma coisa que sobremaneira agrava a questão das garrafas: as taxas que são impostas aos artigos que são exportados para as nossas colónias.

E que as garrafas e o cristal pagam pela saída e são sobre-carregados com a entrada nas colónias. Como se vê, duas taxas agravam e dificultam a concorrência aos artigos estrangeiros que estão numas circunstâncias mais favoráveis.

Reclamam então cristaleiros e garrafeiros a entrada livre dos artefactos de vidro. Estes isentos de impostos, entrariam no mercado colonial absolutamente livres e, por consequência, em óptimas condições de enfrentamento ao combate.

Há que proteger, tanto quanto possível, a especialidade garrafeira e muito mais quando se diz que 8.000 operários dos dois sexos estão em risco de ficarem sem pão.

Na Marinha Grande encontra-se a sub-comissão revisora de pautas. Foi àqueila vila para poder ajuizar com segurança a razão de ser da reclamação de cristaleiros e garrafeiros. Não será preciso observar que devem ter em atenção as deficiências das especialidades que os falamos. Não se pode colocar a especialidade de cristal na mesma igualdade de circunstâncias que a

Não é regressando a um passado ignominioso de absolutismo que as guerras terminarão

Escrevendo acerca da «guerra de amanhã», que parece desmentir nos horizontes das fatalidades através o plúmbeo nublado do acastelamento dos tratados pacifistas, um esturruado admirador do extinto integralista A. Sardinha atribui o próximo flagelo «à persistência criminosa das democracias»...

Incontrovertidamente, nós não morremos muito de amores pelas democracias vigentes, pelo motivo simplicíssimo de que elas não têm sido democracias no rigor doutrinário e prático da frase: a tirania, a desigualdade, a infirmitude continuam, em maior ou menor grau, a desmentir, em todos os países pseudo democráticos, a célebre trilogia caracterizada nos sofisticados Direitos do Homem falsamente declarados nas Constituições republicanas.

Isto não nos impede, porém, de achar singular aquela afirmativa arriscada. Se a causa primordial da «guerra de amanhã» é devida a «um século tardado» de democracia, que aproxima mais outra «oportunidade para as vinganças e as pilhagens»... não é evidente que uma tal afirmação corresponderia mais directamente a um cântico untuoso às épocas antecessoras das democracias? Sendo assim, isso não significa, irrefragavelmente, uma asserção gratuita de que tais períodos, aos quais, política e religiosamente, os «sebastianistas» desejam regressar pela locomotiva das impulsões sanguinolentas, foram todos de tranquilidade, de amor, de respeito, de paraíso ultra-saudoso?

Evidentemente.

E, no entanto, nos áureos tempos em que a cruz e a caldeirinha mais fundamente predominavam, e que a política das nacionalidades, o entronizamento ou destronamento dos reis estavam na dependência arbitrária e simoníaca dos papas, bem como os divórcios cogitados por irmãos (D. Pedro II) e contramamentos nupciais incestuosamente compostos (D. Pedro com D. Maria Francisca Isabel de Saboia, mulher de Afonso VI) mas que o deixou de ser por uma decisão dum junta de teólogos que se colocaram ostensivamente ao lado daqueles dois amantes)—a Igreja, a pesar de todo o seu poderio temporal e espiritual, não evitou os requeiros de sangue que encharcaram as nações pelo poder tenebroso dos ferozes egoísmos.

Se a igreja católica tivesse aquela predeterminação divina para a pacificação terrena, como o atestam os apologistas da regressão dos países para fora das democracias—a igreja pela qual anseiam a sua expansão—positivamente que as loucuras massacradoras, que as espadações sangrentas, que os saques, incêndios, extermínios de povos, não teriam razão de enegrecer, de salpicar, de horrorizar a história da humanidade: a sua potência moral celestialmente transmitida, intangivelmente congregaria, numa comunhão irresistível, pelo menos toda a cristandade que está sob o catecismo religioso de Roma...

Não falamos já no tumultuar dos seísmas provocados pelas terríveis discussões, pelas tremendas dúvidas sobre a divindade e a «humanidade» de Cristo. Não falamos já nas oito expedições que, durante quasi dois séculos, foram, debaixo das instigações barbaças da Santa Sé, levadas a termo contra os povos da Palestina pelos diversos reis e senhores da Europa.

Que um Godofreio de Bouillon ou Conrado III e Luís VII, um Frederico Barbarossa, Filipe Augusto, Ricardo Coração de Dândalo e Balchino, um João de Bienne, Frederico II ou São Luís—nabucodonosoramente assemem a chamada Terra Santa

vidraça, porque ela é, em tudo e por tudo, diferente.

Vai à primeira vista parecer que o que reclamam os cristaleiros e garrafeiros é uma exigência, quando dizem que querem a entrada livre nas colónias. Hemo de concordar que o Japão não paga quasi nada de direitos, em relação ao nosso país.

O Japão é quem inunda as Colónias de garrafões. Se nos fôssemos permitido meter lá produtos sem complicação de impostos, muito lucraríamos as especialidades indicadas, evitando-se que milhares de operários se debatam amanhã com a pior das crises.

Os garrafeiros, reclamam ainda a actualização das pautas, em conformidade com a vidraça.

O leitor certamente há-de estranhar que só agora as classes vidreiras se apressam a reclamar. Se lhe dissemos que este caso é nem mais nem menos do que o resultado da indiferença com que é costume os poderes centrais encararem todos os assuntos de magna importância, certamente que verá que é injusto ao pensar assim.

Os cristaleiros e garrafeiros estão na contingência de ficarem sem trabalho, dentro de um mês, se não lhes atenderem como convém a sua reclamação.

Nesta conformidade outro meio não tinham para, sem demora, evitarem que tal caso se dê.

E' que depois de a crise se declarar já se não torna tão fácil a solução da mesma. E não o será porque o mercado estará cheio de vidro estrangeiro e algum nacional e então as próprias empresas que estejam paralisadas se quiserem competir, não o poderão fazer, devido a não poderem actualizar preços.

Esperam portanto que, no prazo de um mês, lhe seja atendida a reclamação.

Vales de FETRAIS

IMPRESSA

«O Resgate»

Com o título supra deve aparecer no mês de Março, em Torres Novas, um novo jornal defensor dos oprimidos e de propaganda libertária.

Vem preencher uma lacuna naquela vasta região onde, infelizmente, a organização operária, não obstante a grande propaganda que aqui tem sido feita, é um mito, e a reacção jesuítica há muito assentou arraiais.

O grupo editor deste jornal roga a todos os camaradas a quem foram enviadas listas de subscrição e uma carta-circular, o favor de responderem às mesmas o mais brevemente possível a fim de não protelar a próxima saída do jornal.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleos: de Faro, Barreiro, Gaia, Terrugem, Vendas Novas, Portimão, Graga do Divor, Covilhã, Almada e Vila Real de Santo António.—Renovai as vossas requisições de expediente, porque se extraviou a nota de requisição que enviastes.

LEIAM AMANHÃ o Suplemento semanal DE A BATALHA

SUMÁRIO:

O 7.º aniversário de A BATALHA, por Nogueira de Brito, (com gravura).

Carta pastoral sobre o temporal da Quaresma, pela Voz que clama no deserto.

Fornos crematórios, por Ladislau Batalha.

Militarismo e idealismo, por Cristiano Lima.

Os cabelos curtos às calças largas, Opiniões de uma feminista americana, por David de Carvalho.

O público e a expansão das ideias, por Eduardo Frias.

Os republicanos e a coroação de Pio XI.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas & C.ª (com gravuras).

A mulher operária e a ociosa.

Em proveito do capitalismo (com gravuras).

CONFERÊNCIAS

«O que é o Esperanto» pelo sr. Saldanha Carreira

A pedido da Associação Portuguesa de Esperanto, o sr. Saldanha Carreira realizou há dias, na sede da Sociedade A Voz do Operário, uma conferência sob o tema «O que é o Esperanto». O conferente descreveu quais as origens dessa língua, destinada a tornar-se universal, os seus progressos, a forma como ela se vai desenvolvendo em todo o mundo, explicando depois largamente a gramática esperantista, ministrando sobre o assunto uma larga série de conhecimentos que a assembleia ouviu com muito agrado, sendo, no final, muito aplaudido pela numerosa assistência. O sr. Saldanha Carreira, em face da curiosidade que a sua conferência despertou, prometeu ainda este mês realizar, também na sede da Voz do Operário, outra conferência, que certamente terá um êxito não inferior ao da primeira.

Pelo seu lado, os corpos gerentes da Sociedade A Voz do Operário estão no firme propósito de auxiliar toda a propaganda neste sentido, contribuindo assim para a difusão de uma língua que, a tornar-se universal, contribuirá muito para a resolução de vários problemas da actualidade e tornará mais fácil a união de todos os povos. Nesse sentido, vai abrir na sua sede uma aula nocturna de Esperanto, de que será professor o sr. Saldanha Carreira, estando desde esta data aberta a matrícula, que será gratuita, e da qual poderão aproveitar sócios e não sócios da Voz do Operário, qualquer que seja a sua idade ou sexo.

Curso de Filosofia Social

Conforme anunciámos realiza-se amanhã na Universidade Livre, a quarta lição do Curso de Filosofia Social, regido pelo dr. sr. Carneiro de Moura, pelas 21 horas e na sede desta colectividade, com o seguinte sumário:

Dissolução e morte das sociedades. Causas da decadência das sociedades. A regressão social. A reforma das sociedades. A reforma das classes. O anarquismo. O poder público. O sindicalismo. A consciência individual e social. O socialismo. O estado geral das sociedades no velho mundo.

«A higiene da alimentação»

O distinto médico e publicista dr. sr. Ferreira de Mira efectua amanhã à noite, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato dos Arsenalistas do Exército, a segunda conferência da série que no mesmo local está realizando sob o tema «A higiene da alimentação».

«Camilo Castelo Branco»

Na noite de terça-feira realiza o sr. Francisco Carreira J.º, na sede desta Universidade, rua Particular à rua Almeida e Sousa, uma conferência sob o tema «Camilo Castelo Branco, como homem, o seu ambiente social, como artista, a sua forma literária». Em seguida haverá uma sessão cinematográfica educativa.

«Organização científica do trabalho»

A 3.ª conferência que o dr. sr. João Camoeses devia realizar na secção do Sindicato da Construção Civil, sob o tema «Organização Científica do Trabalho», efectua-se em 3 de Março.

«Doutrinas políticas»

A quinta conferência sobre «Doutrinas político-sociais contemporâneas» realiza-se em 2 de Março, sendo expositor o dr. sr. Sobral de Campos, que falará sobre «Comunismo».

«A Arte moderna ante a Sociedade actual»

Na Associação de Classe de Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, realiza hoje, pelas 21 horas, o jornalista e escritor Ferreira de Castro, a convite da Comissão de Educação daquela colectividade, uma conferência subordinada ao tema «A Arte moderna ante a sociedade actual». A entrada é franca.

A prelecção que o dr. sr. Câmara Reis devia efectuar hoje na secção do Alto do Pina fica adiada para o próximo domingo.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—Reuniram os caixeiros de padarias de Lisboa e arredores para se ocuparem de uma ordem de serviço que lhes foi enviada pela companhia, estipulando pesos para pesagem do pão em bruto que depois de cosido dá a tolerância que a lei determina.

Mas constatam, por outro lado, a forma como os fiscaes se recusam a levantar as fô-lhas com a média que corresponde à produção da farinha.

Uma comissão que foi nomeada vai entrevistar os directores da Companhia e se de esta «demarche» não resultar o efeito desejado, levarão o assunto perante a opinião pública para que o povo se defenda do roubo que lhe querem fazer.

Pessoal de Câmaras.—Reuniu-se ontem esta classe em assembleia geral. Entre outros assuntos foram nomeadas as comissões: Administrativa: Secretário geral, Leopoldo Passos Sobral; secretário administrativo, João Augusto Pereira; tesoureiro, Alvaro da Costa Ramos; vogais, Manuel Cardoso e José dos Reis. Prê-Sede Sindical: Secretário geral, José Ricardo Machado; secretário administrativo, António Gomes do Amaral; tesoureiro, José dos Santos Cadete; vogais, Leopoldo Passos Sobral e Augusto Marques. Escolar e Propaganda: Secretário geral, Alvaro da Costa Ramos; administrativo, José dos Reis; tesoureiro, José dos Santos Cadete; vogais, Augusto Simões e João dos Reis. Delegados à Federação de I. T. M. F. P.: Carlos Soares e José dos Santos Cadete. Delegados à C. S. T.: José dos Santos Cadete, Carlos Soares e António Gomes do Amaral.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto do Pina.—Reuniram em conjunto a comissão administrativa e a comissão de melhoramentos prô-sede na sexta-feira última. Foi bastante reparada a falta de importância da comissão administrativa da Secção Metalúrgica pela parte de responsabilidades que lhe cabem nos assuntos a tratar. As comissões reunidas resolveram elaborar o programa e fazer a inauguração da instalação eléctrica na sede no próximo domingo, 28, pelas 15 horas.

O programa será oportunamente anunciado.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Câmara Sindical do Trabalho.—A comissão nomeada no último conselho, reúne, hoje, pelas 21 horas, não devendo faltar qualquer dos seus membros, visto que surgiu um assunto de tão grave importância que é preciso resolvê-lo com urgência.

Manipuladores de pão.—Reúne hoje em assembleia geral esta classe a fim de tratar de assuntos de grande importância para a colectividade e apreciar o balanço do mês de Janeiro.

União Têxtil.—Pelas 14 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Apresentação do relatório e contas da gerência de 1925. 2.ª Nomeação de corpos gerentes para o ano de 1926.

Não havendo mudança legal para o funcionamento da assembleia à hora acima indicada, realizar-se-á a mesma, pelas 16 horas, com qualquer número de sócios.

S. U. da Construção Civil.—Conselho de Secções.—Pelas 15 horas, com a presença de todos os delegados para tratar de um assunto de alta importância.

DIAS PROXIMOS

Operários alfaiates.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, a direcção, não devendo faltar nenhum dos seus componentes, visto a urgência dos assuntos a tratar, devendo também comparecer o cobrador.

Pessoal de câmaras.—Reúne amanhã a assembleia geral para continuação da discussão sobre o delegado e outros assuntos urgentes.

Pessoal dos tabaccos.—Reúne em assembleia magna, no salão da Voz do Operário, pelas 5 horas da tarde da próxima segunda-feira, 22 do corrente, a fim de tomar conhecimento da representação que foi entregue ao sr. ministro das Finanças, na qual se trata da situação do pessoal perante a proposta da Régie.

Sindicato dos Profissionais da Imprensa.—A requisição de dez sócios, foi convocada para quinta-feira, às 17 horas, uma assembleia geral extraordinária do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, para se tratar da concessão de carteiras de profissionais de imprensa.

MARCO POSTAL

Amoreiras-Gare.—António Portela.—Recebemos vale para pagamento das assinaturas do costume.

VIDA ANARQUISTA

«O Anarquista».—A comissão administrativa e redactorial, na sua última reunião, resolveu definitivamente que a publicação de O Anarquista tivesse início no próximo dia 28 do corrente. A comissão apreciou as respostas favoráveis ao conteúdo dum circular que todos os camaradas a quem a mesma foi enviada e que ainda não responderam, o farão em breve, procurando não protelar os seus trabalhos que têm sido acompanhados do maior êxito.

São já inúmeros os pedidos de exemplares do 1.º número do jornal, sendo necessário que todos os camaradas que o desejam, quer como agentes ou assinantes, façam os seus pedidos com rapidez.

Todos os assuntos referentes ao jornal podem ser tratados para a administração: calçada do Combat, 38-A, 2.º—Lisboa.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Oranza» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo a última tiragem de correspondência às 8 horas.

Amanhã, 22, pelo paquete «Lina» também se expedem malas postais para a ilha da Madeira e Arquipélago dos Açores.

Para as correspondências registadas recebe-se hoje até às 10:30 e das ordinárias a última tiragem é às 7 horas da manhã de 22.

Suicídio original

XANGAI, 20.—Quatro dos presos chineses que pretendiam evadir-se da cadeia municipal, suicidaram-se no dia seguinte ao da revolta.